

A economia da transição

Brasil

12 SET 1989

por José Casado
de São Paulo

Um paradoxo predomina na cena econômica do Brasil de hoje: o consumo cresce, são claros os indícios desse processo, mas não há uma expansão sustentada da economia. Ao contrário, são muitas as evidências da retração de investimentos na indústria e de especulação com estoques no comércio.

No diagnóstico de empresários de diferentes setores, consultados por este jornal, ontem, o que realmente estaria ocorrendo é apenas uma antecipação de compras. Uma atitude preventiva dos consumidores atormentados com o avanço mensal da taxa de inflação.

"Estamos vivendo um Plano Cruzado às avessas", acha, por exemplo, Cláudio Bardella, das Indústrias Bardella. No Cruzado, em 1986, houve, de fato, uma grande expansão do consumo. Mas pelo motivo inverso — a certeza na estabilidade do padrão monetário.

O fenômeno atual, nota Roberto Caiuby Vidigal, presidente da Rio Refrescos, tem uma face perversa: é literalmente impossível prever até quando continuará e indica o grau de fragilidade a que está exposta a economia, pois a antecipação de compra nada mais é do que um sinal de expectativa de hiperinflação.

Há, porém, um aspecto favorável nesse quadro. Mostra que a fórmula brasileira de proteger sua economia contra a corrosão inflacionária, através de um complexo sistema de reindexação de preços, tem algumas virtudes, observa Antônio Ermírio de Moraes, diretor-superintendente do grupo Votorantim.

Ontem, em São Paulo, Ermírio de Moraes, Cláudio Bardella, José Mindlin, Jorge Gerdau Johannpeter e Olavo Setúbal foram homenageados, na sua posse no conselho permanente do Fórum Gazeta Mercantil, que reúne líderes empresariais nacionais, regionais e setoriais, escolhidos em eleição direta promovida pela revista Balanço Anual. Os cinco, reeleitos por mais de 10 anos consecutivos, agora não podem mais ser votados.

"A economia vai bem", acha Ermírio de Moraes, que acrescenta, irônico: "Bem melhor que a política".

Na síntese do banqueiro José Carlos Moraes de Abreu, diretor do grupo Itaú, os empresários, de maneira geral, tendem a concordar com a avaliação do ministro da Fazenda, Mailson Ferreira da Nóbrega, de que há uma dose de tranquilidade suficiente

no cenário econômico desse transição política para não se temer uma hiperinflação, de imediato. "Otimistas, estamos caminhando sobre o fio da navalha", disse à editora Ângela Bitencourt.

Existe, ao mesmo tempo, uma forte expectativa sobre o que virá a seguir, ou seja, a partir de março do próximo ano, com a posse de um novo governo. "O consenso, na área empresarial, é de que, qualquer que seja o presidente eleito, haverá necessidade de um programa emergencial de estabilização", comenta Abílio dos Santos Diniz, diretor-superintendente do grupo Pão de Açúcar. "É inevitável", complementa Olacyr de Moraes, presidente do grupo Itamarati.

A 60 dias do primeiro "round" eleitoral, os empresários se movimentam com a disposição de influir sobre a gestação desse programa de governo para o curíssimo prazo.

Empresas como o Pão de Açúcar — a maior rede privada de supermercados —

estão colocando todo seu departamento econômico para trabalhar na formulação de um documento com propostas concretas a ser entregue aos candidatos. Entidades como a Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP), segundo informa seu presidente, Mário Amato, também estão operando na mesma direção.

"A competência comprovada dos líderes empresariais deveria ser usada na gestão da coisa pública", acha, por exemplo, Herbert Levy, presidente do Conselho de Administração deste jornal. "A hora é de reciclar, para um novo tempo", ponderou Luiz Fernando Levy, presidente da Gazeta Mercantil.

"O que esperamos", resume o empresário Roberto Marinho, das Organizações Globo, à repórter Célia Rosemblum, "é que surja um presidente capaz de tirar o País desta situação." Acrescentou: "Um presidente que empolgue a Nação".

(Ver, páginas 6 a 8)